

## HERÓIS OLÍMPICOS: AS NARRATIVAS SOBRE OS ATLETAS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016 NO JORNAL NACIONAL

Nayla Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Flavia Moreira Mota e Mota<sup>2</sup>

**Resumo:** A análise pragmática da narrativa propõe desvelar as estratégias comunicacionais intencionais, ou não, utilizadas pelo narrador para construir um sentido específico na mente do receptor e desta forma influenciar opiniões. Esta análise estabelece algumas categorias de análise que podem ser aplicadas a diferentes objetos de pesquisa em distintas áreas do conhecimento. Partindo dos pressupostos teóricos que distinguem a relevância das narrativas para a vida em sociedade e a forma como elas são diariamente abordadas no jornalismo e mais especificamente no telejornalismo, o presente artigo, busca compreender a forma como foram construídas as narrativas acerca de atletas olímpicos em duas das reportagens que compuseram a série denominada “Perfis” exibida no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, no ano de 2016, ano em que aconteceram as olimpíadas no Brasil. Estes atletas disputariam o maior evento esportivo do mundo em seu país de origem, o Brasil. A metodologia aplicada tem inspirações na metodologia proposta por Luiz Gonzaga Motta, chamada por ele de Análise pragmática da narrativa.

**Palavras-chave:** Análise pragmática; Narrativa; Olimpíadas; Telerreportagem

### 1. Introdução

Seja por meio da linguagem oral, escrita ou visual, as narrativas estão por toda a parte. Basta caminhar na rua por alguns minutos que é possível observar pessoas narrando fatos para outras, *outdoors* buscando nos comunicar algo por meio de imagens ou outros tipos de narrativas que buscam convencer que aquilo que é relatado é verossímil.

O jornalista, que tem em sua rotina diária o objetivo de narrar e acontecimentos para as pessoas da forma mais fidedigna possível, sempre busca estratégias de comunicação para convencimento do público, formas de construir a narrativa para que esse discurso tenha no espectador o efeito desejado pelo jornalista/meio de comunicação.

---

<sup>1</sup> Discente no Programa de Pós Graduação em Letras: cultura educação e linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb. [naylasantosp@gmail.com](mailto:naylasantosp@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora auxiliar do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb. Mestre em Letras: cultura educação e linguagens. [flaviamota2@gmail.com](mailto:flaviamota2@gmail.com)

Estas estratégias estão implícitas não somente na linguagem oral ou escrita, ou seja, nas escolhas de palavras utilizadas, como também em todos os outros aspectos que compõe uma reportagem jornalística como escolha de personagens, tempo de fala dedicado a cada um deles, recursos sonoros e visuais dentre tantos outros aspectos. É essa construção narrativa que é analisada neste artigo.

O objetivo aqui é desvelar as estratégias comunicacionais utilizadas pelo narrador ao contar a história de vida de atletas olímpicos e descobrir se por meio destas narrativas o repórter construiu a figura de um “herói” ao se referir aos esportistas. Para isso foi escolhido como objeto de pesquisa duas reportagens de uma série dedicada a esse desígnio, visto que nas narrativas os protagonistas são os atletas olímpicos.

Para o estudo, foram examinadas duas reportagens que compuseram a série “Perfis” exibida no Jornal Nacional, da rede Globo de Televisão, entre os dias 11 de julho a primeiro de agosto de 2016. A metodologia utilizada é a Análi Pragmática da Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013).

## **2. Sobre as narrativas**

As narrativas podem ser concebidas nas mais diversas formas. Desde as ficções literárias até as narrativas jornalísticas. Segundo Todorov (1970) a narrativa é um texto referencial com temporalidade representada. Já Genette (1976, p. 255) define narrativa da seguinte forma: “uma representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita”.

Sodré e Ferrari (1986, p. 11) trazem uma abordagem um pouco mais abrangente quando dizem que uma narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material, situado em um espaço determinado”. Nesta definição é possível perceber que as narrativas se configuram de maneira mais ampla e se torna possível então pensar em outras formas de narrativa que não somente as que utilizam as palavras. A partir das definições apresentadas é possível inferir que uma narrativa implica o relato de uma mudança em um estado de coisas. O relato desta transformação, não é o acontecimento em si, mas uma releitura de uma determinada perspectiva do fato.

Esses relatos, feitos diariamente pelas pessoas que convivem em sociedade, é uma forma de organizar os fatos e situações, como defende Medina (2003):

Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade, constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p.48).

Deste modo, podemos perceber a narrativa como de extrema importância para a relação do homem com o próprio homem e do homem com a natureza e sociedade. O homem se vê contemplado pelas histórias narradas e, por sua vez, essas histórias colaboram na tomada de atitudes do homem. Como nas narrativas jornalísticas, que buscam justamente contemplar uma determinada realidade vivida pelo homem e fazer com que a sociedade se sinta representada por ela. Mais ainda, esse tipo de narrativa busca ser a mediadora da entre a própria sociedade e o poder público, por exemplo.

Neste exercício de mediação, seria inocente não admitir que aquilo que o jornalista decide publicar perpassa por diversas questões tanto da formação de vida do próprio profissional como questões de cunho político e ideológico do meio de comunicação no qual ele está inserido.

Primeiramente, o jornalista precisa decidir o que, no meio do volume informativo que recebe diariamente, vai se tornar uma notícia, ou seja, qual dos acontecimentos que chegaram à redação se transformará em uma narrativa jornalística. Além dessa triagem que o profissional precisa fazer diariamente, existe ainda outra responsabilidade que ele precisa assumir antes mesmo de começar o texto, que é escolher as palavras e termos que mais o aproximam do público, que irá criar uma relação cada vez mais próxima. E um dos meios de comunicação que mais praticam essa máxima de linguagem próxima do público é a televisão.

Esta relação televisão-telespectador é possível através de uma linguagem, que segundo Barbosa (2007) desobriga o telespectador, no momento da emissão, a ter uma reflexão minuciosa daquilo que está sendo recebido. A gramática de forma fragmentada própria do meio faz com que a compreensão do que está sendo falado seja facilitada e a tecnologia da televisão – o recurso do áudio somado ao recurso da imagem – torna a compreensão também mais cômoda ao telespectador. A reflexão, portanto, se dará

quando a tela da televisão se apagar e aquilo que foi recebido for repercutido na mente do telespectador. Ainda segundo a autora:

A lógica da narrativa da televisão diz respeito primeiramente às articulações temáticas: coloca em evidência o cotidiano das maiorias, apelando às sensações do público. Do extraordinário coletivo à vida comum de existência a mais privada, tudo é re-configurado como excepcional e, ao mesmo tempo, cotidiano. A primeira proximidade se realiza, portanto, por regimes de identificação. A linguagem da televisão apela a valores, sentimentos e emoções corriqueiras. É o comum que figura na cena. São personagens saídos de um pretenso “real” e configurados pelo olhar de quem vive a existência que a TV veicula em situações sempre performáticas (BARBOSA, 2007, p.5).

As narrativas jornalísticas televisivas são incontestavelmente sedutoras. Elas prendem a atenção do telespectador com seu jogo de palavras e imagens, ainda mais quando o assunto abordado é de grande repercussão nacional e mundial, como no caso dos megaeventos, principalmente os megaeventos esportivos. Se tratando então do maior evento esportivo do planeta, as Olimpíadas, as narrativas jornalísticas que remetem a esse acontecimento tendem a ser carregadas de jogos de significação.

### **3. Sobre as olimpíadas e os Jogos RIO 2016**

Desde sua primeira edição na Era Moderna, em Atenas, no ano de 1896, até a mais recente no Rio de Janeiro em 2016, os Jogos Olímpicos foram crescendo em público, qualidade e participação até chegar ao ponto de hoje ser considerado o maior evento do planeta. Para se ter noção da dimensão que os Jogos olímpicos tomaram, esse é hoje, o único evento capaz de reunir delegações de mais de 200 países em uma cidade; nem mesmo a Organização das Nações Unidas (ONU), que possui 193 estados/membros, consegue em suas assembleias agregar representantes de tantas nações.

Os Jogos Olímpicos no Brasil foram marcados por uma conjuntura social e política bastante instável. O país foi escolhido como sede dos jogos em 2009, mas sete anos depois, quando as olimpíadas aconteceriam de fato, a situação era bem diferente da observada naquela época.

O País estava passando por uma situação complicada referente a taxa de desemprego, por exemplo, que chegou a 11,8%<sup>3</sup>, colocando o Brasil em 7º lugar no ranking de países com maior número de pessoas desempregadas. O Brasil passava também por um momento delicado nas questões relacionadas à saúde pública. Foram registrados 1.976.029<sup>4</sup> de casos prováveis de dengue, zika e chikungunya, e os casos de microcefalia em bebês, que foram associados ao zika vírus, passaram de dois mil.

Além deste cenário já posto, a maior instabilidade do país era observada na política. Em dois de dezembro de 2015, o então presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha, deu início ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff após aceitar a denúncia de crime de responsabilidade contra a governante, feita pelo procurador de justiça Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal.

Diante de toda esta conjuntura do Brasil na época, não é difícil imaginar que as opiniões dos brasileiros estavam divididas, principalmente acerca das questões políticas. A maior crítica dos brasileiros, percebida nas redes sociais era, na verdade, um questionamento se o país estava realmente preparado para receber as Olimpíadas por conta do delicado momento que passava. Charges que explicitavam o sentimento de alguns brasileiros eram compartilhadas nas redes:

Figura 1<sup>5</sup>: charge do humorista Ivan Cabral



<sup>3</sup> Dado divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/10/desemprego-fica-em-118-no-trimestre-encerrado-em-setembro.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

<sup>4</sup> Dados do Ministério da Saúde (2016). Disponível em: <<http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/06/2017-002-Monitoramento-dos-casos-de-dengue-febre-de-chikungunya-e-febre-pelo-virus-Zika-ate-a-Semana-Epidemiologica-52-2016.pdf>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.ivancabral.com/2012/08/charge-do-dia-olimpiadas-ginastica.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017

Se nas redes sociais as críticas tomavam conta dos perfis, nas propagandas exibidas na televisão era percebido basicamente o inverso disso. As principais matérias jornalistas e propagandas buscavam passar uma mensagem de que todo o país precisava se unir para torcer pelos atletas brasileiros durante os jogos.

Figura 2<sup>6</sup> : propaganda da Rede Globo sobre as Olimpíadas Rio 2016



É interessante observar como as Olimpíadas se tornaram uma “grande vitória” para o povo brasileiro através da construção das mensagens transmitidas pela televisão. No início da série de reportagens que é o objeto de estudo deste artigo, o repórter Pedro Bassan descreve o conteúdo que o telespectador iria acompanhar da seguinte forma:

Oi pessoal, a Olimpíada ‘tá’ chegando e chegou a hora de conhecermos um pouco mais sobre os nossos heróis olímpicos. Os atletas pelos quais a gente vai torcer durante essa Olimpíada. A gente passou um ano acompanhando esses atletas e eles se esforçaram por pelo menos quatro anos, você vai conhecer um pouco mais sobre esse trabalho e o que eles fazem, o que eles passam na vida todo esforço pra chegar até esse momento em que eles dependem da nossa força e da nossa torcida. Eu e o repórter cinematográfico Eri Júnior que trabalhou comigo em dez destes perfis. São 16 atletas, assistam todos e vocês podem escolher o preferido de vocês, até mais! (BASSAN, 2016)<sup>7</sup>.

#### 4. Metodologia e análise

Para o presente artigo foi utilizada a metodologia de Análise Pragmática da Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta, em seu livro Análise Crítica da narrativa publicado em 2013. Segundo ele:

<sup>6</sup> Fonte: <http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/2016/08/globo-play-transmite-abertura-dos-jogos-olimpicos-em-4k-hdr.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/07/serie-perfis-comeca-nesta-segunda-no-jn-com-o-campeao-arthur-zanetti.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

Diferente das amarras imanentistas, a análise pragmática pretende desvelar quais efeitos de sentido a narração sugere a partir de marcas e pistas criadas em torno das personagens e outras figuras no texto. [...] Interessa descortinar que relação se constitui entre o narrador e a audiência por meio das características premeditadamente impostas às personagens pelo narrados, como a criação de tipos, o uso de estereótipos, de caricaturas grotescas, etc (MOTTA, 2013, p. 183).

O autor completa dizendo que seria inconcebível fazer à análise de um objeto linguístico, neste caso a narrativa, como se ele pairasse isolado no espaço estético ou epistemológico. “A narrativa é apenas o nexos de uma relação entre interlocutores, e são os aspectos dessa relação que interessa compreender” (MOTTA, 2013, p.120).

Ele propõe sete categorias de análise de narrativa divididas em três planos. O plano da expressão, o plano da história e o plano da metanarrativa. As categorias são: efeitos estéticos, recursos de linguagem, fio condutor, pontos de virada, encadeamento dos episódios, conflitos existentes, funções dos personagens e metanarrativa. Para análise das reportagens deste artigo foram utilizadas quatro categorias que compõem os três planos.

Essa metodologia foi aplicada a duas reportagens de uma série com 16, intitulada “Perfis”, exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, a partir de 11 de julho de 2016, antes do início das Olimpíadas RIO 2016. Todas as reportagens foram conduzidas pelo repórter Pedro Bassan, de 46 anos de idade que possui uma trajetória em cobertura de eventos esportivos. Bassan foi correspondente da Globo em Pequim, participou da cobertura de cinco Olimpíadas e seis Copas do Mundo. Na série, seu objetivo era contar a trajetória no esporte e história de vida de 16 atletas olímpicos.

#### **4.1 Reportagem Arthur Zanetti – exibida em 11 de julho de 2016**

A primeira reportagem da série “Perfis” conta a história de Arthur Zanetti. O ginasta que tinha 27 anos de idade na época em questão tem especialidade nas argolas, é graduado em educação física pela Universidade de São Caetano do Sul, campeão pan-americano, mundial e olímpico nas argolas. Zanetti tem como treinador Marcos Goto.

A reportagem mostrou a relação do atleta com o meio que o cerca, familiares, namorada, técnico, apoiadores, colegas e o próprio esporte. A reportagem tem nove minutos e quatro segundos e foi gravada em ambientes diferentes, desde o local de



treino do atleta, passando pela casa da família até um pico no Rio de Janeiro onde estava montada uma estrutura com as argolas para o atleta fazer demonstrações.

Aplicando as categorias de Motta é necessário em primeiro plano observar os efeitos estéticos que compõem a reportagem. Logo nos primeiros segundos é utilizado o efeito de *slow motion*, ou seja, os movimentos e ações são vistos em uma duração maior que a natural. Esse efeito é utilizado para mostrar as argolas que o atleta utiliza para treinar, o que logo no começo pode remeter ao telespectador a importância daquele objeto para a trama que será apresentada a seguir. Logo depois dessa cena, com a câmera posicionada de baixo para cima, aparece o nome do atleta em letras garrafais e ele mesmo aparece também em frente a câmera, de baixo pra cima, o que passa a sensação de grandiosidade, tanto do atleta quanto do nome.

Muitas imagens são focadas em detalhes, como as mãos do atleta, intercaladas com imagens de seu pai, e na narração a ideia passada pelo repórter é a de que as pequenas atitudes de cada membro da família constroem o atleta Arthur Zanetti que o país conhece. É utilizada muitas vezes a imagem em plano fechado e abrindo aos poucos, o que transmite a sensação que o atleta está dentro de um grande contexto e que, apesar de pequeno em tamanho (isto também é abordado na linguagem falada), é um “gigante” que representa toda uma nação.

Um efeito estético em especial, apesar de rápido, transmite uma mensagem bastante significativa na construção da reportagem. Ao final da passagem do repórter, é mostrado um muro de uma rua sem saída (rua da residência do atleta) onde estão pintadas imagens de Arthur Zanetti e em uma delas o ginasta está com uma bandeira do Brasil nas costas e medalha no peito. Na edição, essa imagem pintada na parede foi transformada em uma imagem do momento real quando Zanetti ganhou a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Toda essa construção, aliada a linguagem narrada, passa a mensagem ao telespectador que o atleta transformou o que era “uma rua sem saída em um horizonte de oportunidades” (BASSAN, 2016).

Ainda se tratando de efeitos estéticos, cabe salientar que durante a reportagem são alteradas doze vezes as músicas de fundo, bem como é utilizada a narração de quando o atleta conquistou medalhas. As músicas triunfantes são utilizadas ao mostrar o atleta em saltos e em conquistas e melodias mais calmas são aplicadas a momentos em que o ginasta aparece junto com a família.



Dando seguimento a análise dentro do que Motta intitula *primeiro plano*, ou *plano da expressão*, é necessário abordar a linguagem utilizada no produto jornalístico. A figura de linguagem hipérbole é, sem dúvida, a mais utilizada, sempre aplicada ao atleta em expressões como: “transformou uma rua sem saída em um horizonte do tamanho do mundo”; “mais forte que Arthur Zanetti só o amor”; e “Zanetti é o Brasil inteiro”. Elas são utilizadas para passar a sensação de que o ginasta é um “gigante”, um “herói” e que merece ser respeitado por isso.

É interessante observar que o repórter não usa uma grande quantidade de adjetivos na linguagem narrativa para atribuir características positivas ao atleta. Porém, as construções narrativas e as entrevistas reverberam o discurso de que o ginasta é um exemplo de ser humano. Nas expressões “Arthur conquistou o respeito de todos”; “quando não ficava em primeiro, era o primeiro a estender a mão” e “tudo mudou muito rápido na vida do menino que nunca mudou” fica evidente essa construção de sentido. Além disso, cabe mencionar que o narrador utiliza também o recurso da analepse, pequenas interrupções no curso da história para relembrar momentos antigos em que o esportista conquistou medalhas ou participou de outras competições, desta forma traçando a história do atleta e buscando demonstrar que Zanetti teve uma longa trajetória de sucesso.

A análise da narrativa passa agora ao segundo plano, chamado por Motta (2013) de *plano da estória*. A princípio se faz necessário identificar o fio condutor da narrativa que, no caso da reportagem em análise, é a relação do atleta com a família. Logo depois que o narrador apresenta sobre quem se trata a reportagem começa a comparação do trabalho do ginasta com o trabalho do pai. Durante toda a reportagem os familiares de Arthur Zanetti não aparecem somente como figurantes, em todo o tempo é evidenciado o vínculo de proximidade que o atleta possui com a família e como cada parente foi importante na formação do caráter e da escolha de Arthur Zanetti pela ginástica. Essa relação começa a ser mostrada desde os primeiros 45 segundos de reportagem até os segundos finais e conduz toda a narrativa.

Outro critério que Motta (2013) sugere que seja analisado são os conflitos existentes na narrativa, conflitos de ideias entre os personagens. Segundo o autor, esses enfrentamentos e a forma como eles são colocados na narrativa dizem muito sobre o ponto de vista do narrador e o objetivo que ele quer alcançar. Na reportagem analisada

não foi detectado nenhum tipo de conflito, porém, isto também diz muito sobre as intenções do narrador.

No processo de comunicação narrativa o repórter busca apresentar ao receptor um grande “herói” digno de representar a nação brasileira no maior evento do planeta. Todos os personagens conversam no sentido de contar suas impressões sobre Arthur Zanetti de forma positiva, o que demonstra que a falta de conflitos entre esses personagens é proposital: construir uma imagem positiva do atleta.

Chegamos então ao terceiro plano de análise, o *plano da metanarrativa*. Sua análise vem ao final não porque ele possa ser separado dos planos anteriores, muito pelo contrário, aspectos da mensagem que o autor buscou passar com a narração estiveram presentes desde o início. Porém, só depois de identificados os aspectos anteriores aqui descritos é que se é possível chegar à conclusão de qual é a metanarrativa implícita. Motta (2013) afirma que:

Alcançamos com esse último movimento o nível da cultura, das significações mais profundas, do plano moral, ético e simbólico, percorrendo todo o círculo hermenêutico. Em outras palavras, estou afirmando que as fábulas contadas e recontadas pelas narrativas cotidianas, por mais simples, ingênuas e profanas que sejam, revelam os mitos mais profundos que habitam as metanarrativas culturais, tipo a individualidade precisa ser respeitada, o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana e assim por diante (MOTTA, 2013, p. 209).

Se fosse necessária uma única frase para descrever a metanarrativa transmitida por meio desta reportagem seria a citada acima por Motta “a família é um valor supremo”. Durante toda a reportagem o narrador demonstrou, por meio da linguagem visual ou verbalizada, que a família foi o alicerce, o suporte, o apoio de Arthur Zanetti durante toda sua carreira.

Na comunicação narrativa o repórter buscou evocar no espectador sentimentos de identificação em relação à família e a importância que deve ser dada a instituição familiar. Se “a narração de um incidente afeta o sujeito e desencadeia um sentimento nele porque afeta seus desejos e aspirações, que por sua vez desencadeiam novos sentimentos” (MOTTA, 2013, p. 207), pode-se dizer que, ao se deparar com esta reportagem deve ter sido desencadeado no receptor sentimentos de admiração, em ver uma história tão bonita e relações tão significativas e esperança/confiança de que o atleta (na época) teria muitas condições de alcançar um local no pódio durante as olimpíadas RIO 2016. Um mês depois da reportagem, quando as olimpíadas estavam

em curso, Arthur Zanetti conquistou uma medalha de prata da ginástica artística, mais especificamente no aparelho Argolas.

#### **4.2 Reportagem Isaquias Queiroz – Exibida em 25 de julho de 2016**

A reportagem aqui analisada foi ao ar no dia vinte e cinco de julho de 2016 e conta a história do canoísta Isaquias Queiroz. O atleta natural de Ubaitaba, sul da Bahia, tem 23 anos e idade e coleciona títulos de campeão pan-americano, campeão olímpico e campeão mundial na canoagem velocidade em três categorias. Em 2016 ele conseguiu um feito inédito nas Olimpíadas RIO 2016, conquistando três medalhas em uma mesma competição.

Aplicando novamente a metodologia proposta por Luiz Gonzaga Motta a análise proposta inicia-se, em primeiro plano, pelos efeitos estéticos. A reportagem já começa em plano aberto para mostrar a grandiosidade do rio. É usado diversas vezes o recurso das imagens embaçadas e depois focando-as mostrando detalhes da natureza, de modo a valorizar essas imagens. Porém, em toda a telerreportagem, o recurso mais utilizado é o de imagens bastante abertas, provavelmente feitas por drone para mostrar o rio e a cidade.

Durante a passagem, o repórter está sentado em uma canoa e quando cita o nome da cidade onde está - município onde Isaquias nasceu e que significa “terra das canoas” - o nome da cidade é “escrito” no rio através de computação gráfica, para associá-la a cidade com a atividade do atleta. Recurso parecido é utilizado quando o narrador descreve o atleta; na imagem aparece Isaquias remando e conforme a canoa do esportista vai passando pelo rio, vai “escrevendo” o nome dele, por meio de computação gráfica. Neste caso o narrador quis vincular o atleta ao rio, principal local de treinamento.

É comum observar durante a reportagem sons ambientes, na maioria das vezes da natureza como canto dos pássaros ou o barulho água depois da remada dos canoístas. Outro efeito acústico utilizado é o das caixas de som da cidade de Isaquias, onde os radialistas chamam o nome dele, uma busca do narrador em evidenciar a relação do atleta com a terra natal. Também é utilizado mais de uma vez o recurso do *Slow Motion* para realçar a força empregada por Isaquias nas remadas, discurso que é reafirmado por meio da linguagem oral.

A maioria das imagens de passagem de um assunto para o outro, dentro da reportagem são imagens abertas da natureza e, nestes momentos, as músicas de fundo são suspensas e depois alteradas. Todos estes aspectos frisam a atenção do telespectador à relevância e beleza da natureza. São oito mudanças de música durante a reportagem, sendo que uma destas músicas (“caminho das águas”, da cantora e compositora Maria Rita) possui letra que diz “a barca segue seu rumo lenta, como quem já não quer mais chegar, como quem se acostumou no canto das águas, como quem já não quer mais voltar”. A letra da música e a melodia suave reafirma o discurso da afinidade do esportista com a natureza bem como a leveza dessa relação.

Seguindo a análise no *plano da expressão* é necessário analisar os recursos linguísticos utilizados pelo narrador. Uma figura de linguagem bastante utilizada nesta reportagem é a personificação: o narrador atribui características ao rio e a canoagem para demonstrar a afinidade do esportista com o curso de água em expressões como “as canoas descobriram”, “o Rio de Contas tinha de ouvir um adeus” e “a canoagem brasileira fez barulho”. Ainda para valorizar esses aspectos, o narrador utiliza as expressões “hoje, as canoas levam ouro, prata e bronze” em uma associação com as medalhas conquistadas por Isaquias e “rio de contas, uma estrada para ganhar o mundo” buscando demonstrar que foi depois do treinamento no Rio de Contas, na cidade de Ubaitaba que Isaquias foi para outros lugares do Brasil e do mundo. Para construir essa relação de sentido com o receptor, o narrador usa uma sentença interessante: “Isaquias tem uma casa de tijolo e uma casa de água”, reforçando mais uma vez que o rio é um local onde o atleta fica a vontade, conhece bem, se “sente em casa”.

Outro recurso que merece ser identificado é o uso de dêiticos pelo narrador. Segundo Motta (2013) os dêiticos explícitos ou implícitos na narrativa expressam muito sobre a estratégia da *coconstrução* de sentido proposta pelo narrador.

Quando analisamos o processo de comunicação e não as narrativas como obras fechadas apenas, os dêiticos adquirem uma relevância fundamental porque têm uma importância situacional definidora do sentido. Dêiticos são elementos espaço-temporais do discurso que concorrem para situar o enunciado e os sujeitos no ato de comunicação, e proporcionar referências no momento e no lugar em que ele ocorre. Por exemplo, o emprego de palavras como aqui, lá ou agora em uma narrativa, situam espacial e temporalmente os eventos. Proporcionam recursos sociocognitivos para se inferir a coerência e os sentidos do discurso (MOTTA, 2013, p.158).

Na reportagem em análise, o narrador utiliza os dêiticos como “aqui”, “mesmo lugar” e o nome da cidade “Ubaitaba” para situar o atleta dentro do contexto da cidade do sul da Bahia, local onde nasceu e é reconhecido por onde anda. Essa construção pretende exercer na mente do espectador uma ideia de que o canoísta é um rapaz humilde, que apesar de viajar por diversos lugares do mundo se sente bem em casa, com amigos e família e que esse vínculo com a terra natal não acabou mesmo depois de anos morando fora da cidade.

Existe ainda outro recurso que necessita ser explicitado. A tentativa do narrador de trazer o espectador para “perto” por meio das escolhas linguísticas e de entonação que faz. Em um determinado momento o narrador diz: “Vamos conhecer uma mulher...”, ele se coloca junto com o espectador e o convida para adentrar no universo do canoísta Isaquias Queiroz.

Encaminhando a presente análise para o segundo plano, ou *plano da estória*, cabe ao analista identificar o fio que conduz a narrativa que, neste caso, é a relação do canoísta com o rio e a cidade de origem. Antes mesmo de citar o atleta na reportagem, o repórter dedica quase dois primeiros minutos para falar sobre a Bahia, o rio e aspectos da natureza como o sol e o amanhecer. Este destaque à natureza dado desde o início da reportagem segue durante todo o percurso do *projeto dramático* construído pelo narrador durante a telerreportagem, que por meio das imagens, sons ou linguagem, busca associar a figura do atleta aos elementos da natureza, bem como valorizar as características simples dos dois.

Assim como na reportagem analisada anteriormente, do ginasta Arthur Zanetti, nesta reportagem também não foram identificados conflitos de ideias entre os personagens, recurso de análise ainda do segundo plano. O único caso que destoia um pouco do que revelam outros personagens é o caso do técnico que afirma não ser “amigo” dos atletas que acompanha. Mas mesmo assim, essa atitude é revertida na narrativa para mostrar que a seriedade do técnico é para fazer com que os atletas se concentrem em buscar medalhas. Novamente, essa falta de conflitos de ideias demonstra a tentativa do narrador de construir um caso totalmente favorável ao canoísta, onde todas as opiniões dos personagens, apesar de não serem carregadas de elogios, colaboram para compor uma imagem positiva de Isaquias Queiroz.

Chegamos então ao terceiro e mais profundo plano de análise da narrativa: o plano da metanarrativa. Depois de perceber quais as estratégias utilizadas é possível

concluir que o narrador quis construir uma comunicação com o espectador de forma que este perceba a importância de valorizar as origens e se manter simples. A todo o momento na reportagem o narrador faz questão de mencionar a relação de Isaquias com as coisas simples da vida, bem como com a natureza. Desta forma, ao final a reportagem, o narrador constrói junto ao espectador uma espécie de teia de significados, que o levam a concluir que é importante que alguém, por mais que “cresça” bastante na vida e alcance seus objetivos, mantenha o “pé no chão”, lembre de suas origens e seja sempre simples e amável com as pessoas.

### **Considerações finais**

Foi possível perceber que diversas estratégias comunicacionais são utilizadas no telejornalismo, mais especificamente nas reportagens jornalísticas, para convencer o espectador de que aquilo que é mostrado é a realidade e não uma interpretação dela.

Através de análises de duas telerreportagens que compuseram a série “Perfis” exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão, foi possível concluir que o narrador destas reportagens, o repórter Pedro Bassan, utilizou diversas estratégias para fazer com que o espectador construísse a imagem de que os atletas ali apresentados seriam “heróis olímpicos” e que mereciam o respeito e admiração da nação.

Por meio da análise de elementos como: fio condutor da história, recursos linguísticos, recursos estéticos, percepção da metanarrativa presente e constatação dos conflitos existentes foi possível um estudo mais aprofundado no cerne da narrativa jornalística proposta por Pedro Bassan na apresentação dos atletas Olímpicos.

Foi construída de uma narrativa de forma a deixar claro ao receptor que as pessoas que representariam o Brasil nos esportes eram pessoas de confiança, que tiveram um passado, mas que venceram obstáculos diários para se tornarem grandes atletas. Narrativa semelhante a que é contada acerca dos super heróis nos quadrinhos, que depois de um determinado tempo e após conhecerem “seus poderes” são dignos de confiança e admiração.

Até mesmo elementos que não compuseram essas narrativas, que na maioria das vezes passam despercebidos pelo telespectador, foram desvelados por meio desta pesquisa e estas constatações foram de suma importância para a percepção do objetivo do narrador com a construção que foi feita de forma estratégica. Nas reportagens

analisadas, todos os personagens que as compuseram colaboraram para um mesmo objetivo: construir um parecer favorável sobre o atleta protagonista da narrativa. Nenhum personagem fugiu desse objetivo.

Ficou evidente ainda que não foi necessário que o narrador se utilizasse de uma grande carga linguística de elogios e constatações positivas e especificamente da palavra “herói” para que essa ideia fosse transmitida. A utilização de outros recursos linguísticos como comparação e hipérboles e ainda grande voz de fala aos personagens, cumpriram a função de transmitir esta mensagem.

É importante destacar que uma análise deste tipo colabora não só no sentido de constatar as intenções do narrador em um produto comunicacional, como também contribui para que jornalistas apliquem as estratégias identificadas em seus produtos como também criem novas estratégias de comunicação para alcançarem os objetivos pretendidos com os produtos jornalísticos.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Televisão, narrativa e restos do passado**. Compós, 2007. Disponível em: < <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/138/139>> . Acesso em: 30 de novembro de 2016.

GENETTE, Gérard. **Fronteiras da Narrativa**. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. \_\_\_\_\_; BRATHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; TODOROV, T. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1976.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. Rio de Janeiro: Summus, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. Rio de Janeiro: Summus, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 2. ed. Rio de Janeiro [s.n.] 1970.